

## Teresa Calçada em entrevista: *Ler é poder*

Teresa Calçada

Diogo Silva - [diogo.camacho.silva@gmail.com](mailto:diogo.camacho.silva@gmail.com)

Joana Ferreira - [joana16\\_12@hotmail.com](mailto:joana16_12@hotmail.com)

Maria Inês Monteiro - [mariainesmonteiro1999@gmail.com](mailto:mariainesmonteiro1999@gmail.com)

Escola Secundária D. Pedro V - Lisboa

Lígia Arruda

Escola Secundária D. Pedro V – Lisboa

[ligia.arruda@ael.edu.pt](mailto:ligia.arruda@ael.edu.pt)

Margarida Toscano

Rede de Bibliotecas Escolares

[maria.toscano@mail-rbe.org](mailto:maria.toscano@mail-rbe.org)



### Introdução

Teresa Calçada, Comissária do Plano Nacional de Leitura 2027 (PNL2027), foi entrevistada para a *AdolesCiência* por três alunos da Escola Secundária D. Pedro V, de Lisboa – o Diogo Silva, a Joana Ferreira e a M.<sup>a</sup> Inês Monteiro que frequentam o 11.º ano. A professora bibliotecária da Escola, Lígia Arruda, colaborou na revisão das questões e na transcrição da entrevista; a coordenadora interconcelhia da Rede de Bibliotecas Escolares, Margarida Toscano, apoiou os alunos na gravação da entrevista, que decorreu no espaço do PNL2027. Ao longo de cerca de meia hora, Teresa Calçada foi falando das novidades do PNL2027, do seu próprio percurso como leitora e de como pode ser a leitura a marcar a diferença ao nível da construção pessoal, social, profissional e de cidadania. Falou ainda do que na sua perspetiva é verdadeiramente importante para se aprender a ler, a ler bem, e do estatuto da leitura em sociedades onde a tecnologia e a imagem se tornaram fundamentais.

**Palavras-chave:** *leitura; cidadania; competências; PNL2027; tecnologia.*

### Introduction

Teresa Calçada, Commissioner of the Plano Nacional de Leitura 2027 (National Reading Plan 2027), was interviewed for *AdolesCiência* by three students of D. Pedro V High School, in Lisbon – Diogo Silva, Joana Ferreira and Maria Inês Monteiro, of the 11<sup>th</sup> grade. Lígia Arruda, the school librarian teacher, collaborated in the review of the issues and the interview's transcription; the regional coordinator of the School Libraries Network, Margarida Toscano, supported the students in recording the interview, which took place in the PNL2027 premises. For about half an hour, Teresa Calçada spoke about PNL2027's innovations, her own journey as a reader and how reading can make a difference on a personal, social, professional and citizenship level. She also talked about what she believes to be truly important to learn to read, properly read, and about the status of reading in modern societies, where technology and image have become fundamental.

**Keywords:** *reading; citizenship; skills; PNL2027; technology.*

**Pergunta (Diogo) - Após já estar na situação de “reformada”, sem compromissos profissionais, como foi regressar para assumir o cargo de Comissária do Plano Nacional de Leitura?**

**Resposta** - Não foi difícil. Do ponto de vista da minha vida ligada às bibliotecas, ao voluntariado e à leitura, continuei sempre envolvida ... e, depois, a verdadeira loucura não é apanágio dos novos... pode tocar a todos... e é o meu caso! [risos].

**P (Joana) - Que novidades traz o PNL 2027, para além da designação?**

**R** – Bom... o PNL2027 não enjeita o seu passado nem o modo como nasceu, nem as ideias anteriores, porque realmente inscreveram na nossa sociedade a leitura como tendo um valor, um valor social para as famílias, para a escola e nós queremos continuar e recuperar tudo o que vá nesse sentido. Agora, desde logo, o Plano alarga os seus públicos com a obrigação de abranger também os adultos, em primeiro lugar os adultos que se encontram em percursos formativos de validação dos seus conhecimentos e de reconhecimento da experiência, enquadrando-os naquilo que, exatamente, são hoje formas de reconhecer o valor do que se aprende fora da escola e ao longo da vida. Devemos encontrar uma resposta para esses adultos em formação e, por isso, temos já em linha o projeto **LerQualifica**, tudo junto e com o Q maiúsculo, que vamos desenvolver com a ANQEP [Agência Nacional para a Qualificação e o Ensino Profissional]. Mas também não queremos deixar de fora aqueles que nunca tiveram oportunidade de alfabetização, e ainda são muitos em Portugal, 400 e tal mil. Queremos ter alguns programas nesse sentido bem como alguns programas também no plano estrito do aprender ao longo da vida sem obrigações curriculares ou formais, mas pelo gosto que muitos de nós temos de ler - a idade não nos retira o prazer de ler e conhecer – na perspetiva de irmos sempre reforçando e reconhecendo as competências intelectuais e de impedir que alguns se tornem analfabetos funcionais.

**P (M.<sup>a</sup> Inês) - Qual o autor ou os autores que mais marcaram o seu percurso literário?**

**R** - Ahahah... é difícil porque normalmente não há um autor. Há épocas que são marcadas por uns, épocas que são marcadas por outros, outros autores que nos marcaram muito e que hoje verdadeiramente já nem nos apetece nomeá-los porque parece que deixaram de ter essa importância, que teve algum aspeto circunstancial. É muito difícil, mas há escritores que me marcaram, por exemplo, eu sei que sou tocada por muitos autores da literatura russa. Li muito *Dostoiévski*, li *Tolstói*, se me perguntar qual prefiro, digo *Tolstói*. Eu gosto da palavra, portanto eu gosto de ler porque a palavra está ali manipulada, trabalhada... A ficção, de um modo geral, leio em português e, portanto, sabe-me à minha língua; procuro ler boas traduções porque a tradução é uma coisa importante, eu não tenho aquela virtude de ler nos originais. Embora, como sou uma fã do Pamuk [Orhan Pamuk], acho que ... enfim, li tudo o que está traduzido e, mesmo assim, ainda li uma edição do *Istambul* em francês e outra em espanhol que, aliás, a Margarida sabe porquê, porque foi a Margarida que me deu. E estou agora exatamente a ler em inglês uma versão nova do *Istambul*, que tem as fotografias que correspondem àquilo de que o Pamuk fala na primeira versão, que saiu sem fotografias. Gosto de um americano, particularmente, chamado Roth [Philip Roth] e também acho que o li bem. Eu não sou uma leitora muito despachada, não leio muito depressa, sou uma leitora reflexiva e gosto de uma leitura que se “mastiga”. No caso do Roth até li a *Mancha humana* mais do que uma vez, li duas vezes. Bom, acho que também fui, como muita gente, muito marcada por alguma literatura francesa ou escrita na língua francesa, porque eu já não sou nova e da qual saliento, de facto, a Marguerite Yourcenar. Acho que li, não sei, 30 livros ou mais dela, li tudo o que me veio à mão num certo tempo e ao longo do tempo. Mas já que estou a falar com vocês recomendo um livro que me tocou muito aqui há uns anos e que de certo modo induz a importância da leitura, que se chama *O Leitor*, [de Bernhard Schlink]. Houve também um filme baseado no livro que, aliás, eu também achei bom, tem um tratamento interessante do livro, contido, reflexivo e o livro é maravilhoso. Eu já soletro as letras do autor porque tenho medo de me enganar a dizer de cor [risos].

**P (Diogo) - O que é, para si, um bom leitor? Que conselhos dá a um jovem que não gosta de ler?**

**R** - Bom leitor é alguém que gosta de ler e sabe ler. É preciso as duas coisas. Para alguma vez se ser bom leitor é realmente preciso, em tempo certo, aprender a ler, aprender bem, aprender com fluência e ter compreensão. E não se pode desistir à primeira porque desistindo não se chega a perceber o que se lê, nem se chega a ter o treino necessário. A leitura, como algumas artes performativas, precisa de um bocadinho de esforço e de um bocado de treino, precisa de repetição, isso é uma base fundamental. Claro que há umas aprendizagens que são mais intuitivas, como é o caso de muitas que nós fazemos, hoje, no mundo digital, chegamos lá por tentativa e erro; há outras que são mais esforçadas, como a da leitura. Mas diz-vos alguém que é leitor, que gosta de ser leitor e que sabe que muito daquilo que é a sua vida está nos ensinamentos, nas aprendizagens e na experiência interposta que lhe veio pela leitura que, realmente, quem não sabe ler não sabe o que perde na vida. Agora, alguns jovens não são bons leitores, alguns nunca vão gostar de ler ... Mas pior para eles – é a minha convicção e não escondo isso – pois acho que há aí uma menoridade e uma falta de liberdade, de capacidade de aprender e de pensar mais além, que deve ser nomeada por aqueles que têm esta experiência da leitura. Agora não se é bom leitor não lendo, se se têm muitos preconceitos em relação à leitura e se não se faz o esforço necessário – como fazemos para andar de bicicleta ou nadar ou surfar ou escolher aqueles que são os géneros musicais que nós gostamos – nunca se chega lá e alguns não chegam.

**P (Joana) - Recorda-se da biblioteca da escola no seu tempo? Frequentava-a muitas vezes? Requisitava livros?**

**R** - [risos]. Eu lembro-me de duas bibliotecas. Eu andei no liceu Filipa de Lencastre, que é um liceu aqui do centro de Lisboa, que tinha uma boa biblioteca clássica, mas não tinha nada para nós lermos de jeito ou que eu tivesse a sensação que era de jeito e funcionava muito como uma sala de estudo, onde havia sempre um professor, que era uma professora muito má, mas muito boa a saber coisas. Era má como os trovões, mas algumas vezes em que eu tive dificuldades ela realmente indicou-me literatura da matéria que me ajudou. Mas eu era curiosa e isso é que foi, talvez, a minha primeira biblioteca. Depois tive a sorte de, no meu caso, o meu Pai em especial valorizar o que advinha de nós podermos saber, incluindo a ideia de que a progressão social e a maneira como as pessoas iam ser gente dependia da sua capacidade de saberem mais. Portanto, o saber era bem visto na minha casa e quando eu fiz a 4.<sup>a</sup> classe o meu Pai deu-me um relógio e um dicionário, de português, o que de algum modo, simbolicamente, era uma forma de dizer que eu precisava de saber coisas, não é? Isto numa época. Depois eu tive uma coisa muito boa - uma amiga da minha Mãe era uma mulher muito livre e eu, cedo, fui muito atraída pela maneira de ser dela e ela também me achou piada e, portanto, desde que eu era pequena fomos amigas e assim pela vida fora, até ela morrer, sempre muito amigas e ela tinha uma biblioteca mais atrativa, porque tinha interditos, porque tinha livros de poesia, porque tinha livros que supostamente não podíamos ler e ela nunca dizia não leias isto.... e isso melhorou muito a minha capacidade de ler. Isto, referindo-me a uma biblioteca privada. Mas também tive uma biblioteca pública da Fundação Calouste Gulbenkian (FCG) num sítio para onde ia passar férias, que era a terra da minha mãe, uma boa biblioteca da FCG, fixa. Então quando nós estávamos lá de férias – e eu estava muito tempo porque adorava que os meus pais me deixassem ir embora de Lisboa e fosse lá para a província – íamos à biblioteca, aí sim, com um ar de biblioteca pública. Íamos lá buscar livros, íamos levar e habituei-me a usar a biblioteca pública, sendo que é verdade que, desde pequenina, também tinha os meus livros e um tio contador de histórias, portanto, o livro foi meu companheiro de crescimento. Mas a biblioteca onde eu me lembro de ir requisitar

autonomamente, de ir lá e de escolher, foi nessa da Gulbenkian e na província! Isto antes de entrar para a faculdade, claro, onde fui estudante de filosofia e tudo isso foi mudando, fui constituindo outros interesses, horizontes, companhias, amigos. Aliás, eu sou de um tempo em que se num grupo de amigos se falava de um livro e nós não tínhamos lido, era uma vergonha; às vezes não dizíamos que não tínhamos lido, íamos a correr ver como é que íamos obter o livro ou ficávamos muito caladinhos. Claro que isto era dentro de um círculo de amigos de juventude, um bocado, eu penso que numa relação como hoje se tem com a música. Perdeu-se mais essa relação com a leitura, mas eu estou convencida que se vai recuperar. As celebridades no nosso tempo não eram as vedetas, havia uma associação entre reconhecimento e conhecimento, os dois estavam ligados, não é?

**P (M.<sup>a</sup> Inês) - Acha que a tecnologia é uma ameaça para a leitura?**

**R** – É, é, por causa do tempo, porque a tecnologia, ou aquilo que nós chamamos assim, as coisas associadas às tecnologias digitais – os *device*, a Internet, isto ou aquilo – combinam um tempo muito rápido, um *just in time* e o andar por ali a perder tempo a saltar, a ver coisas com pouco interesse, a ver nas redes sociais onde é que estás, como é que estás, a “hipertextuar”, etc., etc., e isso rouba tempo. Portanto, devemos proteger-nos disso, porque isso não é inocente, porque as tecnologias não são inocentes, porque quem manda nelas menos inocente é, porque as questões associadas aos algoritmos, à própria inteligência artificial, mais até do que a robótica, sobretudo a inteligência artificial, tudo isso, hoje, cria mundos que, no fundo, são outros mundos. Nós devemos exatamente ser capazes de reconhecer o que nos interessa, o que faz de nós gente e o que não faz. E, nesse sentido, como em todas as revoluções, a 1.<sup>a</sup>, a 2.<sup>a</sup>, a 3.<sup>a</sup> revolução industrial, muitas vezes houve esses problemas. Mas quer isso dizer que não devemos usar a tecnologia? Não! Não vamos deixar de usar as tecnologias porque estas têm imensos atrativos, porque fazemos com elas coisas que não fazíamos sem elas ou, pelo menos, não fazíamos no mesmo tempo e com a mesma facilidade, ligando dados, estando em rede, usando *big data*, etc., etc., etc. A maneira de o fazermos com consciência é saber, portanto temos de aprender a lidar com essas tecnologias, ser proprietários delas, para não serem elas proprietários de nós.

**P (M. Toscano) – Pois, hoje há um condicionamento muito grande das TIC até sobre a nossa capacidade cognitiva, de atenção...**

**R** – Cognitiva, ética, de atitudes, a maneira como somos consumidores, tudo isso, claro.

**P (M. Toscano) – Ao longo da história vemos que aparece uma nova tecnologia e arreda as outras, põe a outra um bocadinho ao lado, depois as coisas reequilibram-se. Mas, hoje, as TIC parecem absorver tudo....**

**R** – Exatamente também porque ainda estamos no princípio. A Internet tem 25 anos e um telemóvel como nós usamos hoje em dia tem 10. Isto é nada, não é tempo suficiente para percebermos os efeitos.

**P (Joana) - Como se sente ao saber que os jovens, hoje em dia, não têm interesse em ler? De certo modo eles passam a vida a ler, como dizia o Canclini [Néstor García Canclini] na Conferência PNL2027. (M. Toscano)**

**R** – Pois, mas leem mal. Não o fazem com a qualidade que implica ler, porque é um processo um bocadinho fragmentado, porque, como não treinam a resiliência e a atenção, a leitura é

dispersa, porque se assustam com textos longos, e lá vamos bater à questão de há bocado, que tem a ver com o tempo, não é? O tempo rápido é, do meu ponto de vista, um dos elementos mais fatais para a leitura continuada.

**P (M. Toscano)** - As professoras bibliotecárias dizem que no 2.º ciclo já praticamente não conseguem que os meninos leiam *Uma aventura* quando, antes, devoravam o livro do princípio ao fim e estavam sempre a pedir novos títulos. Nem outros livros que não tenham imagens, hoje querem é livros com muitas imagens.

**R** - Exatamente porque estamos num tempo muito ligado à imagem e, portanto, a imagem acompanha muito, hoje, o texto. Possivelmente, como em todas as revoluções, nós estaremos numa fase em que isso não é tão horrível - querer que a imagem acompanhe mais a palavra escrita e que isso possa resultar num diminuir algumas das competências leitoras. Agora se a questão quer dizer que hoje a leitura não é, ou não tem, nem a força representativa, nem a força objetiva do conhecimento e que é diferente o modo como as pessoas se relacionam com a leitura, mormente os jovens, eu acho que é um facto, e não podemos negá-lo. E se alguns de nós, considerando a evolução da sociedade, têm consciência de que nem todas as evoluções são progresso, que há aspetos que diminuem a nossa capacidade de humanos, então devemos lutar contra isso. Portanto, no meu caso é isso que faço. Agora, se me perguntam se eu gostava que a leitura tivesse outra representação e que as pessoas lessem melhor, fossem melhores leitores no sentido da pergunta que há bocado me fizeram... Ah, isso eu gostava! Mas acrescento também, para sermos honestos e não sermos hipócritas, todos nós, a família, os pais, os professores *and so on*, é verdade dizer que todos nós continuamente lemos menos, porque o conjunto de informação e de atração que vem com outros *devices* é grande e o tempo não é elástico. Agora o que nós desejaríamos é que não haja ou não seja criada a ilusão de que tudo está nessas tecnologias alternativas e todos saibamos pensar o que é que perdemos, quando perdemos aquilo que representa séculos de construção humana – a leitura e o conhecimento.

**P (M.<sup>a</sup> Inês) - Qual o conselho que daria aos jovens de hoje, tendo em vista o futuro profissional e cívico?**

**R** – Quer dizer... na sequência do que eu disse, evidentemente que eu acho que as pessoas têm, hoje, de reforçar muito as suas competências, ao contrário do que, às vezes, este mundo fluído e muito líquido pode fazer crer ... que não é preciso, que está lá tudo, na net, no telemóvel ou lá não sei onde, logo, não é preciso reforçar competências. Não! Depois o mundo mostra que a exclusão se faz por aí, pela falta de competências. Portanto, quem tem preocupações com a sua personalidade, com a sua formação, também com a sua empregabilidade deve ganhar competências. É daí, dessas competências ganhas - e algumas têm de ser em tempo certo, porque senão ficam sempre um bocado desfocadas, a leitura é um desses casos – que podem tornar-se pessoas diferentes, os cidadãos que gostariam. É importante que as adquiram, que as treinem, que não pensem que o saber não tem valor social, porque finalmente as sociedades segregam, são por definição segregacionistas, fazem diferenças entre as pessoas por razões várias, uma das quais, às vezes, são os conhecimentos, embora as pessoas não olhem para essa segregação como tal. Quem não tem conhecimentos tem menos poder e, portanto, transforma-se mais facilmente num cidadão menor porque não tem as competências, os conhecimentos, os saberes refletidos e adquiridos para decidir para si que cidadão quer ser, sendo que hoje os direitos e os deveres de cidadania não são apenas aqueles que, tradicionalmente, se associavam à sociedade. Hoje, o mundo digital exige realmente atitudes, valores e competências acrescidas, claro!

**P (Diogo)** – Chegámos ao fim das perguntas. Quer acrescentar alguma coisa?

**R** – Façam o favor de ler porque **ler é poder!**



**Joana** – Em nome dos três, um muito obrigado à Dr.<sup>a</sup> Teresa Calçada pelo tempo e pelo modo gratificante e afável como se prontificou em nos responder. E também à Dr.<sup>a</sup> Margarida Toscano por todo o apoio.